

Mediatização da ciência e os desafios das agências na performance de cientistas negros¹

Marcus Vinícius de Jesus BOMFIM²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este ensaio acadêmico quer discutir as dimensões do conceito de performance, a partir da mediatização do cotidiano da doutora Bárbara Carine Soares Pinheiro na mídia digital Instagram, onde é conhecida como “Uma Intelectual Diferentona” (@uma_intelectual_diferentona). Sua performatividade reposiciona a corporeidade negra, enquanto mulher negra, mãe, nordestina, pesquisadora e cientista, atraindo visibilidade e reputação na ambiência digital com a circulação do conhecimento que produz e que dialoga em seus circuitos. Este habitar performático, a nosso ver, compõe pela mediatização da ciência, formas de utilização da ambiência digital para criação de estratégias sociotécnicas singulares, performatividade, discursos, redes e sociabilidades que impactam nos circuitos e na circulação do conhecimento, na divulgação e percepção pública da ciência e na comunicação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Cientistas negros. Mediatização da Ciência. Capital científico.

INTRODUÇÃO

Tomo como ponto de partida e observo o fato de que, a Ciência em si se torna apenas em meados dos anos 1970 como uma atividade social de produção, o desenvolvimento do campo científico, objeto por exemplo, da disciplina sociologia da ciência.

Com isto, podemos compreender como fatores históricos, culturais, econômicos e políticos podem nos ajudar a interpretar o que é ciência, o que caracteriza produzir ciência, que elementos são estruturais para a produção científica e se há ciências, de forma plural e seus significados dentro de uma sociedade como a do Brasil, fortemente marcada por desigualdades, controvérsias e um processo social de embranquecimento na sua formação nacional.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: marcusbomfim@id.uff.br.

Hoje no cenário ainda se apresentam a desinformação, o que coloca as Ciências e seus atores e atrizes, humanos e não-humanos no centro de um debate público sobre a percepção pública da ciência, seus instrumentos e estatutos.

Com Theodoro (2022), encontramos as chaves para colocar em perspectiva e discussão sobre racismo no campo científico como reflexo de escolhas que de forma deliberada favorecem um acúmulo de riquezas e de produção de uma modernidade excludente que encontrou na Academia, como parte do sistema social ainda vigente, um espaço de perpetuação de um modelo limitador para a maioria de sua população. O autor ainda elenca quatro características associadas às sociedades desiguais, das quais destacamos a segunda, apontando que

são sociedades que produzem assimetrias em áreas diversas e importantes da dinâmica social, como o mercado de trabalho, educação, saúde, a distribuição espacial da população, cada uma delas agindo como potencializadora das desigualdades; essas diferentes assimetrias se auto reforçam e são cumulativas, em desfavor do grupo discriminado. (THEODORO, 2022, p.18).

Sendo a Academia e as Ciências uma das áreas importantes da nossa sociedade, o racismo estrutural que Almeida (2018) defende, também está presente nela. Fato é que pesquisadores e pesquisadores negros enfrentam cotidianamente os desafios do acesso, da permanência e da pós-permanência no fazer ciência no Brasil. O racismo científico ofertou bases para que, por exemplo, o determinismo biológico sustentasse que as diferenças sociais e econômicas herdadas se refletem na forma como o Poder Judiciário brasileiro opera e articula ações a partir de um estereótipo criminológico do tipo suspeito padrão - a pessoa preta.

Conforme Maio e Santos (1996, p.9), as vinculações entre raça, ciência e sociedade no Brasil é tão antiga quanto multifacetada. A ciência deu contribuições para a estruturação do racismo na sociedade, hierarquizando humanidades a partir da concepção de raça/etnia e atribuindo estereótipos negativos aos não brancos com inspirações iluministas e positivistas. Assim, a quebra desses estereótipos não se dará apenas pela presença negra mas, também, com atitudes, ações políticas e resultados de pesquisas que evidenciem as contribuições de pessoas pretas no campo científico.

Embora enquanto disciplina o racismo científico tenha sido banido das discussões científicas, a reprodução de seu imaginário a partir da objetificação de corpos

negros, de seus territórios, à falta de oportunidades, à pobreza, à miséria, às violências ainda permanecem como agendas de pesquisa associadas aos sujeitos negros, mas como objetos. E, também, no imaginário da sociedade brasileira, que não vê como normal ou natural a presença de cientistas negros como destaque na mídia, por exemplo. Os processos de midiatização e as mídias digitais, a nosso ver, se oferecem como um campo de estudos para que a Comunicação, enquanto área de conhecimento, possa criticamente estudar essas transformações sociais e culturais que alcançam os sujeitos pretos nas Ciências e geram oportunidades de estudo. Este é um dos recortes de nossa pesquisa de doutorado.

Nela, tenho observado pesquisadoras e pesquisadores negros que têm utilizado as mídias sociais para colocar em circulação suas pesquisas, o que tem propiciado a alguns a ampliação de suas redes e a identificação de estilos de pensamentos que até então pareceriam inacessíveis ou levariam décadas para estabelecer diálogos com pesquisadores ao redor do mundo, ampliando o fluxo de trocas, agendas de pesquisas, reconhecimento de metodologias outras, e problematizando questões que muitas vezes os pares no Brasil sequer consideram centrais na agenda de pesquisas em seus respectivos campos, mas que a ambiência digital coloca em circulação, criando outros circuitos que tornam as Ciências midiatizadas e em disputas e tensões sobre suas autoridades epistêmicas.

NARRATIVAS NEGRAS NAS CIÊNCIAS MDIATIZADAS

Um dos meus principais pontos de interesse no desenvolvimento da minha pesquisa para chegar à tese é a análise das narrativas dos cientistas negros, a respeito de sua percepção individual do racismo e impactos dele do ponto de vista institucional, em sua produção de conhecimento.

O quanto é possível valorizar e valorar as dimensões sociais do impacto da ciência e de seu próprio funcionamento, a partir do momento em que estes sujeitos negros se inserem no campo com uma atitude singular ou não, mas que só conseguem sobrepor às estruturas do racismo, a partir de outras estratégias, a partir da comunicação nos meios digitais e de redes de relacionamento entre diferentes agentes. Se outrora essas circulações não eram centrais, hoje já há o reconhecimento, inclusive a partir da altmetria, de que a

circulação no tecido social que esgarça os fluxos da comunicação científica tradicional, são importantes.

A compreensão do racismo na circulação e consumo de informações científicas merece atenção. Mesmo com as mídias e redes sociais digitais à disposição, a divulgação científica de pesquisas precisa alcançar os produtores do conhecimento, tanto quanto seus temas, e trazer evidências de que, sem os processos de mídiatização dos pesquisadores negros, a invisibilidade seria ainda maior, ou mesmo uma agenda de pesquisas decoloniais e contra hegemônicas continuariam à margem do conhecimento público ou ainda como se inserem nos espaços globais de circulação científica. Porém, historicamente, pesquisadoras e pesquisadores negros tem suas produções invisibilizadas ou postas à margem do debate e do impacto científico reconhecido por seus pares. Hoje, sendo tratadas como “pautas identitárias”.

Uma vez que os indivíduos podem, sem a mediação da instituição universitária, se identificarem, promover sentidos em comum, trocar experiências e gerar debates epistêmicos na sociedade civil, eu acredito que possam gerar assimilações de novas práticas, conhecimentos, modelos e objetos, inclusive de pertencimento (ou não) a um universo de produção científica que se tornou mais mídiatizado que décadas atrás.

Essa tensão amplia a outras e outros sujeitos - em particular, pessoas pretas - se apropriarem das narrativas de fazer ciência e produzir conteúdos relevantes à audiência, em uma ambiência que também exige domínios de outras linguagens comunicativas, a apreensão de processos que aderentes ao interesse do público e às dinâmicas das plataformas, além de ampliar até mesmo a sua visão sobre a carreira científica, assumindo posições como divulgadoras e divulgadores científicos ou mesmo influenciadores digitais.

Se a experiência de Latour e Woolgar (1997) fosse reproduzida em um laboratório de universidade brasileira, o que ele encontraria? Certamente, ao confrontar os dados demográficos da população brasileira, onde 56% da população é considerada negra, mas que nas Universidades, há menos de 3% das instituições de ensino superior brasileiras têm número de professores negros que espelha a distribuição racial da região onde está, segundo levantamento do jornal O Estado de São Paulo, em reportagem publicada no dia 20 de novembro de 2021, a partir de dados do Censo da Educação Superior de 2019. No total, há apenas 16% de docentes negros nas instituições de ensino superior no Brasil.

Mesmo com a adoção da política de cotas, em uma década, a ampliação das oportunidades de acesso na graduação, ainda não transformaram o perfil dos professores, e os impactos desse processo lento se refletem no epistemicídio denunciado por Carneiro (2005) e na baixa diversidade de temas e pontos de vista para a pesquisa. Latour e Woolgar se deparariam ainda com um razoável número de elementos que demonstrariam as caixas-pretas em torno do racismo estrutural no campo científico: as dificuldades de ingresso de pesquisadores negros nas carreiras científicas; o regime de citações de autores e a invisibilidade das pesquisas; as disputas dos grupos de pesquisas por recursos; a invisibilidade dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) – quando presentes em universidades públicas; as dificuldades de acesso, permanência e pós-permanência especificamente de pessoas negras na Pesquisa.

CIENTISTAS NEGROS NO AMBIENTE DIGITAL

Tanto o movimento negro quanto o movimento feminista têm fortes influências na produção de conhecimento científico, sobretudo na inovação em abordagens, metodologias e leituras críticas. E, ao mesmo tempo que oferecem contribuições de destaque, sofrem ataques por terem estilos de pensamento distintos do padrão dominante, ao se posicionarem de forma epistemológica, política, cultural e de perspectiva sócio-histórica nas Ciências.

O aumento de movimentos de reconhecimento de mulheres nas Ciências, é um exemplo dessa movimentação exotérica que confronta a lógica da “boa pesquisa” e coloca o interesse da pesquisadora e/ou do pesquisador em tensão e dinâmica com a sociedade e a validação da Ciência em si.

Por isso, encontramos na midiaticização uma proposição teórica como Hjarvard (2014, p.16) denomina como uma teoria do meio-termo, que “examina quando e como as mudanças estruturais entre os meios de comunicação e as diversas instituições sociais e fenômenos culturais vêm a influenciar o imaginário, as relações e as relações humanas”. Acompanhamos o seu raciocínio hipotético, assim como Sodré (2012) argumenta sobre uma episteme comunicacional que revela a celeridade que os efeitos midiáticos impõem nas dinâmicas sociais na contemporaneidade.

A questão chave deste trabalho é, de alguma maneira uma provocação à relação controversa que a visibilidade que estas cientistas têm pode gerar ou ocasionar. Amaral,

Soares e Polivanov (2018, p.64) já alertam sobre a performance como resultado sobre aquilo que se faz, como se faz, e em quais contextos. E estamos construindo aqui um argumento de que a ocupação do espaço midiático por cientistas permite a construção de autoridade epistêmica de formas distintas e diferentes graus de autoconsciência.

A PERFORMANCE DA DOUTORA BÁRBARA CARINE

Em entrevista para a revista *Ciência Hoje*, edição 382 de novembro de 2021³, a doutora Bárbara Carine declara:

Não me sinto confortável dentro do campo performático cultural, estético, discursivo e literário pautado pela academia brancocêntrica ocidental e não me obrigo a atuar dentro desse modelo de corporeidade e de produção intelectual para me sentir aceita ou para produzir passabilidade à minha presença desajustada a esse espaço.

Assim, a doutora Bárbara Carine Soares Pinheiro determina seu lugar enquanto sujeito e em suas performances. De acordo com o portal acadêmico da Universidade Federal da Bahia, é professora Assistente I na Universidade Federal da Bahia. Atua no PIBID/QUÍMICA/UFBA como coordenadora de área. Tem mestrado em Ensino de Química pelo programa de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS.

Do seu Lattes, destacamos que ela ainda atua como coordenadora do Grupo de Pesquisa em Diversidade e Criticidade nas Ciências Naturais (DICCINA), desenvolvendo pesquisas nas linhas de pesquisa: Formação de professoras e professores na perspectiva crítico-decolonial; Diversidade no Ensino de Ciências. Sócia-fundadora e Consultora Pedagógica na Escola Afro-Brasileira Maria Felipa, primeira escola Afro-brasileira do Brasil. Recebeu da Câmara Municipal de Salvador o Prêmio Maria Felipa 2021. Autora de nove livros, dentre eles: "@Descolonizando_Saberes: mulheres negras na ciência", um dos 10 finalistas na categoria Ciência ao Prêmio Jabuti 2021 e "História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras" um dos 10 finalistas na categoria Ciência ao Prêmio Jabuti 2022. Sua obra mais recente, "Como ser um educador antirracista", foi durante semanas uma das obras mais vendidas no site Amazon.com, fez

³ Ver em <https://cienciahoje.org.br/artigo/uma-intelectual-diferentona/>

a autora promover lançamentos da obra em mais de 10 cidades brasileiras, além de palestras e aulas magnas em Universidades e outras organizações da sociedade civil.

Destaco seu forte posicionamento político contra hegemônico em suas falas como um fator que, aliado à dança, dá a sua corporeidade leve desejada por ela, dá à audiência a possibilidade de conhecer e construir outras visões do ser cientista, pesquisadora e professora que foge do padrão. E isso é salutar para ela em primeiro lugar, dentro dos rigores da Academia como conhecemos.

Os atravessamentos da Teoria Crítica Racial, conforme Silva (2019) nos mostram que os desafios que se apresentam para (e na) midiática da ciência protagonizada por pessoas pretas, a raça como construção social impacta nas trocas simbólicas que se contestam nas relações de poder no campo científico. Também se dá pela interseccionalidade inerente no protagonismo das cientistas, suas trajetórias de vida e carreira, enquanto mulheres, negras e nordestinas.

Há poucos pesquisadores e pesquisadoras negros, há poucos cientistas em posições de liderança, com poder decisório político, técnico e/ou administrativo para priorizar agendas de pesquisa, ou influenciar o referencial teórico e metodológico que alcance perspectivas decoloniais, afrocentradas, ou mesmo com uma maior incidência de gênero e de interseccionalidade, por exemplo. Significa dizer ainda que, em determinados campos do conhecimento, há mais poder simbólico atrelado não necessariamente aos cientistas negros, mas à objetificação dos sujeitos negros, de suas realidades e condições sociais, quase como determinantes de suas peculiaridades, intrínsecas à condição de ser negro, de ocupar espaços sociais ou territórios enquanto negros. E de permanecerem como objetos de pesquisa, e ter seu protagonismo e suas questões emergentes colocadas em evidência.

Estes tensionamentos entre desinteresse institucional sobre uma ciência feminista ou afrocentrada e os interesses das pessoas cientistas, politicamente forjadas na sociedade em meio a estas discussões, e que problematizam mais e melhor as questões relevantes de desigualdades que se apresentam como desafios às Ciências e a representação do fazer ciência na contemporaneidade. Essa representação inequívoca pela presença, também impacta na noção de performance dos sujeitos negros. Ao trazer um olhar para a dinâmica dos processos de midiática, colocando em debate a contribuição dos cientistas enquanto divulgadores científicos a partir de um recorte racial.

Se ainda não é possível afirmar que as cientistas tais como se apresentam alcançaram o status ou estágio de influência no discurso midiático, influenciando politicamente a agenda de Ciência no Brasil, por exemplo. As lacunas e déficits, por exemplo, nos investimentos e recursos na infraestrutura científica, na equiparação salarial, e no racismo científico não ganharam uma visibilidade suficiente para mudar o cenário brasileiro da Ciência.

Apenas de maneira pontual, as bandeiras das mulheres nas Ciências, na diversidade ganham. As experiências de diversificação que apresentam, ainda são restritas e limitadas a um regime de visibilidade para caminhar a um capital midiático que as sustentem suas vozes potentes como são, mas com incidência política. Um passo que depende de múltiplos fatores, dentre eles, a própria forma como a sociedade civil, empresas e o Estado têm a percepção pública da ciência.

PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA, PERFORMANCE E MUDIATIZAÇÃO

Conforme Sodré (2012, p.180), vemos a midiatização como “articulação da vida social com os dispositivos de mídia”. Isto confere, sobretudo aos pesquisadores, meios e estratégias para interagirem e compartilhem protagonismo e responsabilidades sobre estas narrativas. Tais práticas podem ser consideradas estratégicas para construção de identidade, imagem e reputação, bem como estabelecer conexões com subjetividades e identidades de indivíduos e coletividades, a partir de tecnologias, linguagens, produção simbólica e sociocultural que visam harmonizar a relação com a comunidade científica, superar o sistema do racismo estrutural e promover a identidade negra no campo da produção científica em nosso país.

A midiatização vem transformando o comportamento humano e suas sociabilidades, o comportamento das organizações, das instituições - políticas, o trabalho, família, região, e a Universidade - incorporando novas linguagens, proporcionando a necessidade de novos letramentos e gerando visões de mundo, se não totalmente novas, mas extremamente desafiadoras. Também a produção científica está impactada pela ordenação social pelos meios, característica de uma mudança sociocultural da contemporaneidade. Contudo, alguns vieses permanecem. É o que Oliveira (2018, p.103) aponta ao afirmar que a

reconfiguração da comunicação científica como parte do trabalho acadêmico pela popularização das tecnologias de comunicação que propiciaram uma nova ordem de engajamento dos atores científicos, mediatizando a visibilidade científica através das mídias sociais.

A dinâmica dos processos de mediação, colocando em circulação das contribuições dos cientistas, a oportunidade de acompanhá-los nas mídias sociais, de dar a conhecer a um público amplo nesta ambiência traz outras qualificações que não podem ser encapsuladas apenas da categoria da divulgação científica, pois vai além, e permite ainda um olhar sob a perspectiva racial, somada a perspectiva de gênero, esta mais amplamente debatida quando se pensa na diversidade nas Ciências.

Este debate quase sempre leva a uma diferenciação do papel do cientista e do papel do divulgador, de forma apartada. Entendemos que, os cientistas negros têm criado estratégias dentro do funcionamento da dinâmica do campo científico mediatizado hoje, a nosso ver, exercendo papel relevante, pois os meios técnicos para uma maior circulação e produção do conhecimento científico existem. Porém, as condições no campo ainda são assimétricas e racializadas.

Desta maneira, entendo que há no *habitus* do campo acadêmico toda uma construção social e estruturante que, objetivamente, coloca a produção de pesquisadoras e pesquisadores negros em um não-lugar, que contribui para colocar em xeque não apenas a sua relevância enquanto sujeitos protagonistas na produção do conhecimento científico, o que impacta na representação desses indivíduos e sua capacidade de competir no campo e perceber o quanto, como e de que formas constroem seu capital social. A mediação da ciência se apresenta como um caminho inerente às transformações sociais e culturais das tecnologias da informação e comunicação, mas ainda não decodificada amplamente pela comunidade científica.

O reconhecimento dos interesses acaba por exercer sobre as pessoas cientistas mais elementos e influências na tecitura de uma rede que não só ancora estilos de pensamento como permitem trocas simbólicas que serão avaliadas de acordo com os resultados alcançados em favor da ciência, da reputação e credibilidade deles e delas próprios.

Assim, o acesso a recursos e capital, pois as relações sociais no campo científico são e estão dominadas por agentes que atendem a uma lógica normativa eurocêntrica. Ainda que pesquisadoras e pesquisadores negros dediquem-se a pesquisar temas e objetos

não necessariamente com recortes raciais, as autoridades epistêmicas destes pesquisadores ainda estão limitadas.

Bárbara Carine “sai do laboratório” e entra na vida pública, cotidiana: aparece dançando, cantando, se divertindo. Opinando e pesquisando. Desenvolvendo projetos e iniciativas com a Escola Maria Felipa, que ampliam horizontes na sociedade e, também, para pesquisadores e pesquisadoras, convidando a audiência a compreender que ela, como cientista e mulher negra, quer diversão, arte e conhecimento ao mesmo tempo, quebrando estereótipos e arquétipos do imaginário social de cientista.

Podemos afirmar que as performances de Bárbara Carine evocam o que Carrera e Carvalho (2022, p.9) comentam que "há um sentido de pertencimento frequentemente mobilizado tanto na definição externa ao grupo quanto no fortalecimento das subjetividades que se reconhecem ali dentro". Se em relação ao Black Twitter, isto é perceptível, se compararmos com os fluxos gerados pela @uma_intelectual_diferentona em diversos momentos - em postagens de vídeos, entrevistas e outros textos, ela ressalta a questão do aquilombamento como crucial para o desenvolvimento acadêmico de pessoas pretas.

Vejo portanto, que a performance destas cientistas em uma ambiência de midiaticização favorece uma controversa e bem-vinda reorientação sobre a formação de um imaginário e de uma educação científica ou para as Ciências que evidencia às gerações uma noção de representatividade muito mais próxima - e por que não, presente - que destoa da linha mestra das carreiras científicas, cujo acúmulo de capital científico se dá pela trajetória longeva, pela jornada em carreiras longas mensuradas pela produtividade e quantidade de artigos publicados, pelo ranking das revistas científicas para dar relevo e impacto ao pesquisador ou pesquisadora.

Nosso entendimento é de que esta prática dos corpos performatizando em eventos funciona como uma espécie de epistemologia que aciona o olhar em torno das ações incorporadas e as práticas culturais a elas associadas. Estamos falando da relação entre performance e vida cotidiana, em suas diversas acepções e recontextualizações culturais – refletindo especificidades históricas nas encenações e fruições. (AMARAL, SOARES, POLIVANOV, 2018, p.72)

A midiaticização oportuniza inspirações simbólica, imagéticas e uma certa quebra de hierarquia e de autoridade, porém exige dos cientistas um repertório considerável para produzir seus conteúdos de forma atrativa às audiências, buscando desde o público leigo

pela linguagem mais acessível, pelo domínio multimídia, até pares científicos que muitos pesquisadores e pesquisadoras em posições mais sêniores não tem o mesmo alcance. Com isso, não queremos relativizar ou decretar que essa modelagem E quero uma aproximação para a pessoa que sou para além da mídia, do reconhecimento.

De acordo com Karhawi (2020 p.222), podemos aproximar, notadamente nos três perfis das cientistas, o que a autora define na etapa de legitimação onde "aquilo que a blogueira produz no blog ou no Instagram deve, de alguma maneira, ser relevante para quem a acompanha". As três cientistas, de formas distintas, favorecem o acúmulo de capital cultural, pelo conhecimento dos assuntos que proferem, pela qualidade e segurança da informação e pela facilidade de comunicação. A questão em aberto e que merece um trabalho mais específico é justamente a avaliação do capital cultural adquirido e seu impacto na construção do capital científico. Mas não resta dúvida de que o capital social está presente.

Considerações finais

A alegoria quando perguntamos a uma pessoa como ela pensa ser ou como atua um cientista está culturalmente sedimentada em nossa sociedade como uma pessoa branca, dentro de um laboratório. A doutora Barbara Carine, que citei neste trabalho é um exemplo bem ao largo destes estereótipos. Isto, por si só, já é um indicativo de que outras performances advindas do campo científico podem ser alcançadas em futuros trabalhos.

As disputas, tensões e conflitos inerentes à presença negra - e, em especial, de mulheres pretas cientistas - desvelam mesmo com sua senioridade no campo científico, em estágios de carreira particulares e áreas de conhecimento distintas, formas diferentes de habitar o espaço midiático, de se apresentarem como cientistas, de serem publicamente reconhecidas dentro e fora da comunidade científica.

Entendemos que a performance está presente para as cientistas pretas, em uma relação de causa e efeito, a partir da midiatização, algo que podemos chamar de uma midiatização do pertencimento. Para Carrera e Carvalho (2022, p.9) "a percepção de unidade é também produzida e estimulada, como uma forma de construir uma demarcação simbólica para uma comunidade sem delimitações físicas e territoriais evidentes". As performances das mulheres negras cientistas são numerosas e muito estimuladas pela própria circulação das epistemologias negras feministas.

Há espaços para a exploração da divulgação científica, do próprio ensino e pesquisa, se os produtores do conhecimento científico - de forma mais ampla - assumirem e reconhecerem as mudanças que os meios digitais estão regenerando. De uma maneira mais particular, enxergo na midiaticização um impacto relevante, e para os cientistas negros caminhos abertos para ampliar as fissuras do racismo estrutural no campo científico. Nossa atenção à perspectiva das performances, valoriza também as redes e a plataformização das sociabilidades, a partir dos conteúdos e circuitos produzidos, cada qual a sua maneira, performando uma negritude plural, diversa.

Por fim, reconheço ainda as limitações deste ensaio, à medida que optei por uma só pesquisadora, que chama a minha atenção justamente pela forma singular de habitar a narrativa de ser pesquisadora, cientista e doutora, sem assumir-se no papel de divulgadora científica mas, sendo, à sua maneira. Minha percepção é de que a movimentação das cientistas é maior e mais performática de que a ação masculina, o que também será para mim uma outra oportunidade de estudo comparado entre mulheres e homens pretos cientistas nas mídias digitais em futuros trabalhos.

Pretendo avançar na lógica da performance, imbricada com a Teoria Crítica Racial, tendo como objeto as performances dos cientistas negros, adotando a proposta de Amaral, Soares e Polivanov (2018, p.71) tendo como percurso metodológico a articulação de suas performances como memória da produção do conhecimento, como política de gênero e raça no campo científico e da visibilidade de suas pesquisas em controvérsia com sua visibilidade midiática como personagens.

Referências

ALMEIDA, S.L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

AMARAL, A.; SOARES, T.; POLIVANOV, B. *Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas*. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 41, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3044>.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. *Black Twitter: renegociando sentidos de comunidade em materialidades digitais*. In: **31ª Compós – Imperatriz**, UFMA, 2022.

HARDING, Sandra. *Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo*. **Em Construção**, n. 5, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2019.41257>

HJARVARD, Stig. **A mediatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

KARHAWI, Issaaf. **De blogueira a influenciadora: etapas da profissionalização da blogosfera de moda brasileira**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2020.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

OLIVEIRA, T. M. de. (2018). *Mediatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital*. **MATRIZES**, 12(3), 101-126. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p101-126>.

SILVA, Tarcizio. (2019). *Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: conexões contra a dupla opacidade*. In: **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Belém, Pará.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.